



UMA COMUNIDADE EM CONSTRUÇÃO, UMA COMUNIDADE EM CONFLITO: CORINTO

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3419

Ailton Manso, UEL

Resumo

O presente artigo tem como objetivo abordar a comunidade Cristã Paulínia de Corinto, inserida dentro do contexto do Império Romano do século I d.C. Para tanto, faremos uso como fonte primária a Primeira Epístola aos Coríntios, escrita pelo apóstolo Paulo de Tarso em meados da década de 50 d.C. Como referencial teórico, usaremos o conceito de identidades proposto por Stuart Hall. Segundo o autor, as identidades estão em constante transformação, nunca se fechando, nunca se completando, elas necessitam do que está fora, ao entorno, para que possam se estabelecer, logo, tão importante quanto perceber sujeito, é compreender o “Outro”, nesta relação de alteridade. Diante deste aspecto, podemos perceber que a comunidade Cristã Paulínia de Corinto era composta por inúmeras identidades distintas entre si e a carta do apóstolo aos membros desta comunidade teve como objetivo compor um *ethos*, um corpo, um grupo e uma percepção de identidade para o movimento. Neste sentido, tão mais importante do que perceber o “outro”, o que não pertence ao movimento, é perceber enquanto participante de um grupo ou movimento, enfim, uma família.

Palavras Chave:

Cristianismo;
Identidades; Paulo de
Tarso.

Introdução

Neste artigo iremos trabalhar com as questões de conflito que envolveram os membros da comunidade de Corinto, uma comunidade que estava inserida dentro de um complexo social maior, o do Império Romano. Sobre esta sociedade, com relação a sua estrutura geográfica, estratificação social ou elementos de confluência com o domínio romano, não são claros na presente epístola que iremos analisar neste breve artigo. Por este motivo, torna-se de fundamental importância compreender que cidade foi esta.

O domínio romano foi um conglomerado de povos e identidades distintas que moviam-se entre si num processo de conflitos e assimilações. Para além do Mediterrâneo, haviam povos distintos que estavam sob o extenso poder deste domínio. Neste espaço geográfico a presença da identidade grega era algo muito antiga e presente, onde se sobressaía como uma cultura de prestígio e de elite, contudo Guarinello nos explica que esta presença não era homogênea e as demais identidades presentes neste Mediterrâneo ainda existiam com suas particularidades. Para que o Império Romano mantivesse sua autoridade por estas regiões tão distintas entre si, alguns elementos eram de grande relevância adotar, tais como as relações de patronato e o culto ao imperador.

É neste espaço altamente diverso entre si que iremos nos deparar com um movimento que teve grande importância neste contexto, o movimento dos crentes em Jesus como Messias ou “Salvador”. Após a morte do Nazareno e sua possível ressurreição, suas ideias foram propagadas por várias regiões em direção aos gentios (NOGUEIRA, 2009), tais pensamentos conquistaram muitos judeus, personagens estes que tiveram grande importância na disseminação deste movimento. Entre estes, uma figura teve amplo destaque,

Paulo de Tarso e dentre as comunidades fundadas por ele, esteve a de Corinto, que será objeto deste artigo. Em sua carta, a Primeira Epístola aos Coríntios, o apóstolo advertiu seus membros sobre diversos temas, ou seja, havia conflitos no interior deste grupo? Quem eram os sujeitos que faziam parte desta comunidade e quais foram as tentativas do apóstolo para conter estes conflitos? Para isso, nos debruçaremos sobre algumas passagens da Primeira Epístola aos Coríntios escrita pelo apóstolo Paulo,¹ em meados da década de 50 d.C.²

No processo de analisar a fonte, faremos uso da noção de identidade tal como concebida por Stuart Hall. Segundo o autor, as identidades estão num processo de constante transformação, nunca se fechando, nunca se completando.

A identificação é, pois, um processo de articulação [...] ela está sujeita ao jogo da diferença [...]. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui [...]. Elas têm a ver [...] (com a) utilização dos recursos da história,

¹ As cartas paulinas são fontes de grande pesquisa. Entretanto, algumas destas epístolas contidas no cânon do Novo Testamento são questionadas com relação a sua autoria. Segundo Meeks (1992, p. 17) “temos pelo menos sete epístolas indubitáveis enviadas pela principal figura. [...]. Estas epístolas são os escritos mais antigos existentes”. Nesta lista estão Romanos, 1 e 2º Coríntios, Gálatas, Filipenses, Filêmon, 1 Tessalonicenses. Entretanto, o autor explica que além destas, “há seis epístolas no cânon do Novo Testamento atribuídas a Paulo, mas cuja autoria os exegetas modernos questionam. Duas delas, a epístola aos Colossenses e a epístola aos Efésios, foram mais provavelmente escritas por discípulos de Paulo. O mesmo pode ser verdade a propósito da segunda epístola aos Tessalonicenses [...]. Muito mais problemática é a evidência das restantes epístolas canônicas – as chamadas pastorais dirigidas a Timóteo (1 e 2 Timóteo) e a Tito”. (MEEKS, 1992, p. 18)

² Segundo a datação para a trajetória missionária de Paulo proposta pelo autor Jerome Murphy O'Connor (2000).

da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos [...]. Tem a ver não tanto com as questões 'quem somos' ou 'de onde viemos', mas muito mais com as questões 'quem nós podemos nos tornar' [...] as identidades são construídas por meio da diferença. (2000, p. 106, 109-110).

Em meio a construções, nosso objetivo, então, é compreender tais passagens, buscando nestes trechos perceber quais eram os conflitos que regiam estes membros, como as identidades que faziam parte destes cristãos estiveram relacionadas a estas questões e como a própria estrutura de Corinto e a do Império Romano, com suas identidades distintas, influenciaram nesta comunidade.

Para além do Império Romano, uma cidade: Corinto

Sobre Corinto, podemos dizer que ela representou e materializou as próprias estruturas do Império Romano, entretanto ela tinha algo excepcional dentro da história da expansão romana: Corinto fora uma cidade grega, porém destruída e reconstruída aos moldes romanos. Com relação a esta origem marcada por uma reconstrução, segundo Vasconcelos e Funari (2013), Corinto foi “destruída pelos romanos em 146 a.C.” (p. 48) pelas tropas do general Lúcio Múmio, durante a Guerra da Acaia³. Neste período, os cidadãos⁴ foram

³ A Guerra da Acaia também é conhecida como IV Guerra Macedônica, que opuseram macedônios e romanos, que terminaram por conquistar a região e Corinto.

⁴ “Somente podia ser considerado cidadãos os homens adultos que pudessem ser mobilizados em caso de guerra, pudessem pagar impostos e atuar na vida pública” (MENDES, 2009, p. 97). Neste universo romano, este cidadão, segundo a autora, tinha direitos e privilégios mediante suas condições, eram soldado, eleitos, candidato, contribuinte.

mortos e as mulheres e crianças foram vendidos como escravos. Somente por volta de 44 a.C. que ela foi refundada por Júlio Cesar (MENDES, 2012). Meeks (1992) expõe que as cidades conquistadas pelos romanos, em muitos casos, sofriram realmente um processo de reestruturação onde estradas eram construídas e benefícios eram dados à sociedade local, contudo, não eram destruídas por completo e nem seus cidadãos mortos. Segundo Crossan e Reed:

[...] os romanos saquearam impiedosamente a cidade, [...]. Um século mais tarde, [...] foram enviados (à Corinto) [...] grande número de pobres urbanos de Roma, mais da metade deles escravos libertos. Assim, libertos ambiciosos e outros homens de baixo status social deram o tom num *ethos* urbano hipercompetitivo. (2007, p. 238-239).

Com a cidade refundada, estes novos habitantes fizeram parte do cenário desta sociedade, paisagem esta que segundo Mendes a transformara “em um centro comercial [...] (atraindo) marinheiros, comerciantes e povos de todo o Mediterrâneo” (2012, p. 111) caracterizando-a como uma cidade cosmopolita. Segundo Nascimento:

A Corinto romana era uma cidade distinta da antiga cidade grega do período clássico, destruída pelos romanos em 146 a.C., quando Roma anexou a Grécia como província [...]. Sua língua oficial era o latim [...], edifícios da antiga cidade grega foram reutilizados para a construção da colônia, monumentos ao norte e sul [...] foram cobertos (e) nivelados para a construção da nova cidade. (2012, p. 48-49).

Outra particularidade dela estava relacionada a sua localização geográfica, Nascimento (2012, p.48) explica que “a colônia [...] era, no século I d. C., a capital da província da Acaia, que abarcava a região sul da Grécia, [...] possuía dois

portos: Cencreia e Lechaeum.” Por ser uma cidade cosmopolita tornara-se um local fértil para a propagação de novas formas de pensamentos e ideologias, incluindo as mensagens do movimento cristão propagadas por Paulo de Tarso (GIDALTE, 2015).

As influências do Império Romano sobre a cidade iam além das estruturas arquitetônicas. Com relação aos elementos sociais, o modelo de patronato tinha um grande destaque em Corinto, sendo esse um dos objetivos das discussões de Paulo para com a sua comunidade. Segundo Crossan e Reed:

Paulo e seu ponto de vista confrontavam-se, mais intensamente do que antes, com a normalidade plena do poderoso sistema romano de patrocínio [...]. Paulo refere-se a eles como poderosos, capazes de procurar resolver disputas financeiras fora da assembleia cristã nas cortes civis, de aprovar casamentos entre enteados e madrastas viúvas para proteger patrimônios e de justificar sua participação em refeições cúlticas nos templos pagãos comprando carne sacrificada nos açougues para comê-las em jantares privados. (2007, p. 303,306).

Estas relações de patronato entre os membros da comunidade faziam parte do cotidiano desta cidade, tais estruturas eram um dos meios pelos quais o Império Romano conseguiu manter seu domínio por entre várias partes de seu vasto território. “O patronato era uma das maneiras por meio das quais se organizava a sociedade de Corinto [...] (onde) pessoas de diferentes níveis, do imperador ao cidadão [...] achavam-se ligadas, ainda que seus interesses pudessem não ser os mesmos” (CHOW, 2004, p.122). Segundo Horsley:

Povoada pelos descendentes dos deserdados romanos e de escravos desarraigados, Corinto era o epítome da sociedade urbana criada pelo Império Romano: um

conglomerado de indivíduos [...] apartados das comunidades de apoio e das tradições culturais particulares que antes haviam constituído suas identidades [...]. Na qualidade de libertos e pobres urbanos isolados [...] eles ou já eram parte das camadas inferiores das pirâmides de patronato [...] ou estavam prontamente vulneráveis ao recrutamento para tais camadas. (2004, p. 239).

Sobre a religião que cercava Corinto, havia na cidade grande presença do politeísmo que segundo Gidalte (2015) era estruturado em três níveis:

O primeiro nível compreendia os cultos romanos oficiais, reunidos no Fórum, nos quais estavam inseridos os cultos a Augusto. O segundo nível compreendia os cultos como os de Apolo, Afrodite, Koré, que eram frutos das raízes helenísticas na Corinto reconstruída, constituindo também parte da religião cívica. E por último, o terceiro nível compreendia os cultos marginais gregos, como o de Medeia e Dionísio e demais organizações religiosas, politicamente não reconhecidas como cultos cívicos. (p.72).

O que se percebe diante destes níveis é que a religião em Corinto tinha em suas estruturas uma assimilação de valores e identidades distintas. É neste aspecto religioso que a presença romana inseriu-se com grande força por meio do culto ao imperador, sendo considerada de grande importância, já que o culto a Augustos ocupava o primeiro nível dentro deste universo religioso e somente num segundo e terceiro momento, elementos da antiga cultura grega encontravam-se presentes, como na referência a Dionísio. Ainda com relação ao culto ao imperador, muitas eram as festas realizadas em nome de Augusto, onde sacrifícios eram feitos e homenagens eram dadas, sendo tais eventos realizados de forma ocasional ou

frequente.

[...] muitas celebrações organizadas em Corinto tinham relação com os imperadores romanos, algumas eram circunstanciais, mas outras se repetiam com regularidade. Um dos eventos ocasionais que provavelmente requeria celebrações [...] era a coroação do novo imperador. [...]. Tal como noutras partes do mundo romano, os aniversários dos dirigentes romanos costumavam ser objeto de celebração [...]. (CHOW, 2004, p. 114).

Estas celebrações promoviam uma interação entre os vários sujeitos desta cidade e, fortalecidas pelas relações de patronato, ajudavam a compor o *ethos* romano em Corinto.

Uma comunidade em construção, uma comunidade em conflito.

A primeira epístola aos Coríntios traz em sua estrutura uma série de recomendações por parte do apóstolo Paulo para os membros desta comunidade. Segundo Mendes “a *ekklesia* de Corinto no século I é caracterizada nas epístolas paulinas como uma comunidade turbulenta: um cenário repleto de conflitos de natureza política” (2012, p. 14). Esta percepção podemos ter logo no início da carta, ainda em seu primeiro capítulo, quando o apóstolo advertiu seus membros para que estes fossem unidos. “Rogo-vos, porém, irmãos pelo nome do nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos a mesma coisa, e que não haja entre vós dissensões, antes sejais unidos em um mesmo sentido e um mesmo parecer” (1 Cor 1:10). Diante de tal passagem, podemos dizer então que havia conflitos e pareceres diferentes entre os membros desta comunidade. Estas dissensões Paulo as repudiou em seus escritos, já que em toda carta podemos perceber exortações, admoestações e palavras claras de correção. “[...] porque a respeito de vós [...] me foi comunicado pelos da

família de Cloé que há contendas entre vós [...]. Pois, havendo entre vós inveja, não sois porventura carnais, e não andais segundo os homens?” (1 Cor 1:11; 3:33).

Segundo Mendes (2012) estes membros se reuniam em casas e “como todos os paleocristãos de uma cidade geralmente não cabiam numa casa particular, coexistiam várias *ekklesiae* domésticas” (2012, p. 120). A autora explica que estas moradias pertenciam aos membros mais abastados. Estes sujeitos que possuíam mais riquezas eram os que coordenavam as *ekklesiae*. Sobre este assunto, Meeks (1992) esclarece que a casa, como local de encontro, estabelecia certo grau de privacidade e intimidade entre os próprios membros da comunidade. Entretanto o autor já estabelece que estes locais de encontro propiciavam a formação de facções dentro do movimento.

Estas comunidades seguiam certas normas de conduta que foram estabelecidas por Paulo, instruções e pensamentos que tinham por objetivo trazer para estes grupos uma diferenciação entre os de “fora” e os de “dentro”, entre os gentios, judeus e os novos convertidos. Este conceito Paulo trouxe em sua carta, ao dizer, “porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios. (1 Cor 1:22-23). Segundo Meeks (1992, p. 132):

Os convertidos eram instruídos nas crenças e normas do novo movimento, crenças e normas até certo formuladas e transmitidas como tradições específicas [...] e essas tradições eram aplicadas e analisadas. Além disso, tais crenças e normas eram aplicadas mediante processo contínuo de recomendações.

Paulo de Tarso, quando criou estas comunidades, ensinou o evangelho conforme seu ponto de vista e seu

parecer, sendo enfático que estes ensinamentos vieram de Deus. Defendendo sua pregação, ele afirmou que “expomos sabedoria entre os experimentados, não, porém, a sabedoria deste século, nem a dos poderosos, [...] mas falamos a sabedoria de Deus” (1 Cor 2:6-7). Seu objetivo era criar uma comunidade que se diferenciasse dos de “fora”, ou seja, os que não estavam inseridos em seu interior, com os seus, os de “dentro”. Sendo assim, ele estabeleceu crenças e normas específicas para os seus e enfatizando que estes deveriam segui-lo: “Admoesto-vos, portanto, a que sejais meus imitadores” (1 Cor 4:16). Contudo, a comunidade de Corinto possuía vastos conflitos socioeconômicos entre os seus membros, transparecendo que esta comunidade detinha em seu interior constantes identidades distintas, impossibilitando a formação de um grupo coeso, sendo esta a coesão que o apóstolo tentara promover ao escrever suas cartas. Segundo Paulo, em sua epístola enviada aos coríntios, não havia entre eles nem muitos ricos, nem muitos sábios.

Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são. (1 Cor 1: 26-28).

Tal trecho relata a presença, mesmo sendo em pequena quantidade, de personalidades de grande posse, de grande conhecimento e de grande nobreza. A estas pessoas, o apóstolo trouxe certos termos que opõem a estas categorias, como “coisas loucas”, “coisas fracas” e “aquelas que não são”, remetendo-nos a uma ideia que de alguns

poucos membros desta comunidade enquadravam-se nesta primeira classificação de grupos e seriam estes poucos que poderiam ter forte influência sobre a comunidade. Todavia, ao mesmo tempo em que o apóstolo fizera uma crítica aos “sábios”, “fortes” e “as que são”, ele retificou a posição em que os membros foram chamados. “Cada um fique na vocação em que foi chamado. Foste chamado sendo servo? Não te dê cuidado; e, se ainda podes ser livre, aproveita a ocasião” (1 Cor 7:20-21). Este conselho escrito pelo apóstolo pressupõe uma tentativa de conciliação entre ambos os lados, os ditos “sábios” e “poderosos” e os “loucos” e “fracos”.

Para exemplificar esses conflitos no interior dessa comunidade e a tentativa do apóstolo de conter essas desavenças, usaremos da passagem de 1º Coríntios, a que aborda o ato de comer carne sacrificada aos ídolos. Sobre a carne sacrificada, Paulo afirmou:

No tocante à comida sacrificada a ídolos, sabemos que o ídolo, de si mesmo, nada é no mundo e que não há senão um só Deus. [...]. Entretanto, não há esse conhecimento em todos; porque alguns, [...] ainda comem dessas coisas como a ele sacrificadas; e a consciência destes, por ser fraca, vem a contaminar-se. [...]. Vede, porém, que esta vossa liberdade não venha, de algum modo, a ser tropeço para os fracos. [...]

Se algum dentre os incrédulos vos convidar e quiserdes ir, comei de tudo o que for posto diante de vós, sem nada perguntardes por motivo de consciência. Porém, se alguém vos disser: isto é coisa sacrificada a ídolos, não comais, por causa daquele que vos advertiu e por causa da consciência. (1 Cor 8:4, 7, 9; 10:25, 27-28, 32).

Esta passagem revela como era esta comunidade e como a própria cidade de Corinto e o Império Romano foram elementos de grande impacto no

cotidiano dos membros desta comunidade, onde ocorreu um conflito entre identidades distintas, não apenas em relação aos de “fora” do grupo paulino, mas entre os de “dentro”. Os banquetes relatados pelo apóstolo estavam relacionados com a prática do patronato existente na cidade de Corinto e em alguns casos, com a própria figura do culto ao Imperador. Nestas reuniões, animais eram sacrificados em honra a Augustos e após as oferendas, a carne era distribuída em jantares particulares entre os membros participantes destas relações de patronato. “[...] os sacrifícios de animais nos templos pagãos eram indispensáveis à antiga vida cívica. Os sacerdotes imolavam esses animais nos altares, esquartejavam-nos e queimavam suas carnes [...] e retornava ao povo na forma de refeição comunitária” (CROSSAN; REED, 2007, p. 272).

[...] os banquetes faziam parte das relações sociais no mundo romano e as refeições em comum indicavam relações hierárquicas e de dependência. Os “fortes” [...] não são assim denominados somente por causa de sua fé, mas por uma questão de *status*. Por meio de regalias sociais estes eram convidados aos banquetes junto às autoridades e à aristocracia coríntia. [...] Mais do que o simples consumo de carnes imoladas a ídolos, o ato de aceitar convites por autoridades locais e a exibição dessas regalias afronta uma das principais ideias defendidas pelo cristianismo primitivo, especialmente por Paulo: a igualdade. (NASCIMENTO, 2012, p.54-55).

Estes convites que foram feitos aos novos convertidos, partiam dos de fora da comunidade, os participantes dos cultos politeístas, podendo-se argumentar que esses convidados cristãos deveriam pertencer ao mesmo grupo social que o anfitrião politeísta. Além do mais, os membros caracterizados como “fortes” por Paulo, baseariam seu consumo de

carnes sacrificadas no próprio conhecimento que tinham, ou seja, tratavam-se de um pequeno grupo elitista e com alto nível educacional. Mendes (2012) declara que tal postura tinha relação com os sujeitos advindos do politeísmo greco-romano, sendo que estes personagens carregavam em si ainda as identidades de outras vivências passadas e experiências do politeísmo. Ainda segundo a autora:

[...] os problemas relacionados à conduta dos membros diziam respeito aos convertidos de origem “pagã” ou, mesmo, aos chamados “Tementes a Deus”⁵. [...] seria plausível supor que a maioria da congregação fosse composta por gentios, considerando que as pessoas da casa de Cloé, sendo oriundas de Éfeso, se “escandalizaram” com o tipo de comportamento dos paleocristãos coríntios [...]. Isso demonstra que, para os coríntios, essas questões não eram um problema. Elas foram vistas como problema (“divergências de norma”) por visitantes de outra congregação. (2012, p. 124-125).

Dentro desta conjectura, muitas posturas dos novos convertidos da comunidade paulina ainda estavam relacionadas com seus antigos hábitos, identidades antigas que não foram anuladas pós conversão, mas permaneceram nestes sujeitos. Segundo Machado (2010) o passado não pode ser apagado, as identidades antigas não podem ser aniquiladas, contudo elas podem ser transformadas ou reassimiladas. Meeks (1996) afirma que

⁵ Segundo Crossan e Reed (2007), estas são “pessoas (que) retinham a cultura do paganismo mas aceitavam a fé do judaísmo. Era a opção existente para os que acreditavam no monoteísmo e na lei moral do judaísmo, mas não se sentiam preparados para se submeter à totalidade de suas leis nem de suas marcas socioreligiosas. Não são, de maneira alguma, ‘convertidos’ [...]. Ofereciam não apenas assistência econômica mas também proteção política” (p. 43).

estas identidades estão relacionadas a forma como estes indivíduos apreenderam este mundo simbolizado que os cercava, logo, não era possível substituir completamente esta simbolização primária, ou seja, estas identidades, portanto, a ideia seria transformá-las e readaptá-las. Sobre este assunto, Hall (2000) nos fala que as identidades se movem nunca se fechando, nunca se anulando, encontrando-se em constante processo de transformação, conflito e assimilação. Portanto, estas identidades antigas, diante das exortações do apóstolo, poderiam ser transformadas e reagrupadas para outros valores e conjecturas.

Considerações Finais

A comunidade de Corinto era uma representação da própria cidade na qual estava inserida. Esta por sua vez, possuía em seu interior muitos elementos das estruturas do Império Romano, com suas particularidades e estruturas do cotidiano. Diante deste aspecto, a comunidade fundada por Paulo possuía em seu interior diversas identidades entre si que revelaram-se em conflito, possibilitando um campo fértil de possibilidades que poderiam enfraquecer o movimento cristão. Diante desta realidade, na qual seus membros estavam inseridos, o apóstolo enviou a estes uma série de recomendações e exortações tendo como objetivo a eliminação de tais desavenças e uma tentativa de promover dentre eles um sentimento de pertença, de coesão e de grupo.

Referências

CHOW, John K. Patronado na Corinto romana. In: HORSLEY, Richard. **Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Paulus, 2004. p. 111-129.

CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. **Em busca de Paulo: Como o apóstolo de Jesus opôs o reino de Deus ao Império Romano**. Tradução de Jaci Maraschin. São Paulo: Paulinas, 2007.

GIDALTE, Lara Ximenes. Corinto: Uma análise sociocultural para a fundamentação do estudo sobre as relações de gênero existentes nas comunidades cristãs do século I E.C. **NEARCO: Revista Eletrônica de Antiguidade**, Rio de Janeiro. a. 8, n. 2, p. 66-87, 2015.

GUARINELLO, Noberto Luiz. O Império Romano. In: FUNARI, Pedro Paulo A.; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Org). **Política e identidade no mundo antigo**. São Paulo: Annablume/Fapespe, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 12ª edição, 2015.

_____. Quem precisa de Identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HORSLEY, Richard A. Introdução. In: _____. Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Paulus, 2004.

IZIDORO, José Luiz. **Fronteiras e identidades fluidas no cristianismo da Galácia**. 2010. 196 f.: Tese (Ciências da Religião). Faculdade de Humanidades e Direito. Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo. 2010.

MACHADO, Jonas. Identidade paulina em construção: de Saul o fariseu a Paulo o Apóstolo de Jesus Cristo. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza; FUNARI, Pedro Paulo A.; COLLINS, John J. (Org.). **Identidades fluidas no Judaísmo antigo e no Cristianismo primitivo**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2010. p. 283-329.

MEEKS, Wayne A. **O mundo moral dos primeiros cristãos**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1996.

_____. **Os primeiros cristãos urbanos: O mundo social do apóstolo Paulo**. Tradução de I.F.L. Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1992.

MENDES, Simone Rezende da Penha. **Paulo e a Ekklesia de Corinto: conflitos sociais e disputas de autoridade no período paleocristão**. 182 f.: Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2012.

NASCIMENTO, Amanda Cristina Martins do. Os banquetes na I Carta aos Coríntios: o conflito de identidades cristãs no século I d.C. **Roda da Fortuna: Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo**. v.1, n.1, p.45-60, 2012. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/3fdd18_f836f941e89cf1e5d2e036ab278dbbd3.pdf>. Acesso em 20 de outubro de 2016.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. O

judaísmo antigo e o cristianismo primitivo em nova perspectiva. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza; FUNARI, Pedro Paulo A; COLLINS, John J. (Orgs). **Identidades fluidas no Judaísmo antigo e no Cristianismo primitivo**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2010. p. 15-27

VASCONCELLOS, Pedro L.; FUNARI, Pedro

P. A. **Paulo de Tarso**: um apóstolo para as nações. São Paulo: Paulus, 2013.

Fonte

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 2004.